

O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual; Orientando Professores Especializados

ELCIE F. SALZANO MASINI

Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

O análise da bibliografia especializada sobre o Deficiente Visual (D.V.) mostrou que seu desenvolvimento e aprendizagem são definidos a partir de padrões adotados para os videntes. Verificou-se, com certa surpresa, que, nos instrumentos e propostas examinados, o “conhecer” esperado na educação do D.V. tem como pressuposto o “ver” e que, portanto, não se leva em conta as diferenças de percepção entre o D.V. e o vidente. Pode-se supor que a desconsideração dos autores com relação a essas diferenças tenha sido determinada pela desatenção à predominância da visão ou àquilo que ficou encoberto pela familiaridade, oculto pelo hábito, linguagem e senso comum numa cultura de videntes.

Assim, o D.V. permanece oculto, ao ser apresentado pela percepção unidimensional da visão. Apenas na literatura de ficção, na saída encontrada por um artista, o “sem visão” aparece e revela uma outra maneira de perceber o mundo. Em “The Country of Blind”, Wells relata a estória de Nunez, um camponês que, numa escalada perigosa, ao separar-se de seus companheiros de caravana, caiu de uma montanha e descobriu o Vale dos Cegos. Lembrando-se do dito popular “em terra de cego, quem tem um olho é rei”, aspirou governar o Vale. Descobriu, porém, que isso não era tão fácil quanto esperava e que sua visão não era sempre uma vantagem.

Quando foi encontrado por três homens do Vale, eles tentaram descobrir quem era aquela estranha criatura.

— Vamos levá-lo para os mais velhos — disse Pedro.

— Grite primeiro — disse Correa —, senão poderemos assustar as crianças.

Assim, eles gritaram e Pedro foi na frente e pegou Nunez pela mão para guiá-lo até as casas.

— Eu posso ver — disse, puxando-lhe a mão.

— Ver? — perguntou Correa.

— Sim, ver — respondeu Nunez, virando-se em sua direção e tropeçando.

— Seus sentidos são ainda imperfeitos — disse o terceiro cego. — Ele tropeça e diz palavras sem sentido. Guie-o pela mão.

— Como você quiser — disse Nunez e deixou-se guiar, rindo.

Parecia que eles nada sabiam de visão.

Nunez começou a perceber que muito da imaginação dos cegos havia desaparecido com sua visão e eles haviam feito para si um novo mundo onde predominava a sensibilidade do ouvido e do tato. Lentamente, Nunez percebeu que ele estava errado em esperar que as pessoas ficassem impressionadas com sua origem e habilidades. Pensavam que ele fosse um novo ser e eram incapazes de entender suas sensações. E, assim, após entender que não aceitariam suas explicações sobre a visão, calou-se e começou a ouvir o que tinham para lhe dizer.

E chegou o dia em que Nunez apaixonou-se por Medina e queria casar-se com ela. O pai, Yacobs, solicitou uma reunião dos mais velhos para decidirem o que fazer. Eles estranhavam muito as falas e comportamentos de Nunez. Após um tempo de discussão, o velho Yacobs comentou:

— Algum dia ele estará tão são quanto nós.

A vontade de curá-lo de suas peculiaridades permanecia.

Após algum tempo, um dos mais velhos, o grande médico entre eles, expôs sua idéia criativa:

— Examinei Bogotá — era assim que o chamavam — e o caso é claro para mim — disse. — Penso que muito provavelmente ele deverá ficar curado.

— Isso é o que eu sempre desejei — disse o velho Yacobs.

— Sua mente está afetada — observou o doutor cego.

Os mais velhos concordaram, murmurando:

— Bem, o que o afeta?

— Ahm? — disse o velho Yacobs.

— Isto — disse o doutor, respondendo à pergunta. Estas coisas esquisitas chamadas olhos, que existem para fazer uma agradável e macia depressão na face, estão doentes. Isto está afetando sua mente. Seus olhos são muito grandes e seus cílios e pálpebras movem-se. Assim, sua mente está sendo prejudicada.

— É — disse o velho Yacobs — É isso.

— E eu penso que para curá-lo completamente, precisamos fazer uma operação fácil para remover esses olhos.

— E, então, ele ficará são?

— Sim, ele ficará perfeitamente são e se tornará um excelente cidadão.

— Graças a Deus, pela ciência — disse o velho Yacobs, e foi contar a Nunez suas intenções.

No Vale, é a fala do cego que constitui maioria; é ela que passa a ser ouvida por Nunez, quando este descobre que a sua não leva a nada. Assim, uma outra maneira de perceber o mundo aparece... e com ela conceitos, valores e crenças se impõem... em nome da ciência.

No mundo dos videntes, como não poderia deixar de ser, a fala que se impõe, é a daqueles. Seria absurdo negar este fato. Antes, ele deve ser considerado para que se possa identificar os conceitos, valores, definições do sendo comum ditados pelo sentido da visão, pois este, quando utilizado como referencial na educação do D.V., impede-o de compreender, levando-o a uma aprendizagem mecânica.

Como entrar em contato com o D.V., saber sobre ele e sobre sua percepção para poder orientá-lo educacionalmente?

Esta pergunta guiou a organização deste trabalho. Assim, procurou-se perceber, do D.V., seus estilos de explorar os objetos e sua maneira de usar o corpo para tal; os movimentos antigos se integrando numa nova dinâmica, os aspectos anteriormente percebidos reencontrando significações mais ricas. Buscou-se o sentido que o objeto tinha para o D.V. em sua relação com as pessoas e as coisas ao redor em diferentes situações. Um bom exemplo, para ilustração, é o uso da bengala pelo cego. Para ele, a bengala torna-se um instrumento familiar. O mundo dos objetos táteis recua. Ele não mais começa na epiderme da mão, mas na ponta do bastão. Através das sensações produzidas pela pressão do bastão na mão, o cego vitaliza-a em diferentes posições. A bengala não é mais um objeto que o cego perceberia, mas um instrumento com o qual ele percebe. É um apêndice do cego, uma extensão da sua síntese corporal, uma maneira própria de explorar o mundo que o cerca. Em resumo, o que se procurou registrar foi esse sentido do objeto para o D.V. na totalidade da situação em diferentes momentos.

Isso, porém, não constituiu tarefa fácil. A dificuldade de perceber a totalidade da situação para captar os significados do D.V. e compreendê-lo no seu viver esteve sempre presente. O cuidado com o caminho que possibilitasse registrar a dinâmica das relações dos D.Vs com a professora, com os outros participantes do grupo e com as coisas ao redor, fez parte integrante da pesquisa.

Trabalhando na formação de futuras professoras (como docente da disciplina Orientação Educacional do D.V.), decidi-me por uma pesquisa que se fizesse junto às professoras especializadas. Assim, ficou definido que

a investigação se faria a partir de situações vivenciais dessas professoras com grupos de D.V..

Ao tomar essa decisão, assumi as dificuldades nela implícitas de registrar o vivido na sua totalidade, sem fragmentar o que emergisse dos participantes e de suas relações.

DEFINIÇÃO DO MÉTODO

Considerando o que ficou exposto, procurei orientar-me pelo que Merleau-Ponty sugeriu em "Fenomenologia da Percepção": partir da facticidade dessa situação educacional, para perceber a professora e a D.V. Tratava-se de fazer uma descrição¹ direta dessa experiência, tal como é, sem levar em conta a sua gênese psicológica e as explicações causais do cientista. Merleau-Ponty restituiu-me a confiança nesta maneira que eu encaminhava a investigação sobre o D.V., ao afirmar que cada um sabe do mundo a partir de sua visão pessoal ou de sua experiência, sem a qual os símbolos da ciência nada significariam. Contribuiu para que eu valorizasse o relato escrito e as possibilidades que ele oferecia, ao afirmar: "A verdadeira filosofia reaprende a ver o mundo e neste sentido uma história contada pode significar o mundo com tanta "profundidade" quanto um tratado de filosofia revelando este mundo vivido, solo de nossos encontros com o outro".²

Isso havia deixado claro que fazer fenomenologia não é utilizar um método previamente considerado, mas cingir-se a regras formais dirigidas especialmente ao fenômeno (fenômeno entendido como aquilo que se mostra como é, ou que se mostra a si mesmo). Não existe "o" ou "um" método fenomenológico, mas uma atitude — atitude de abertura do ser humano para compreender o que se mostra, livre de preconceitos ou definições. Está-se livre quando se sabe dos próprios valores, conceitos, definições e se volta para o que se mostra cuidando de possíveis distorções.

Assim, busquei o meu caminho para desvelar "o perceber e relacionar-se do D.V.". ³

DESCRIÇÃO

Ficou definido que se faria um relato do que ocorria nos grupos (o que cada participante manifestava), fazendo uma descrição com palavras do cotidiano e não através de explanação, a forma de falar própria da ciência, que revela uma consciência sofisticada. Essa descrição com palavras do cotidiano, que revela uma consciência ingênua, é condição para chegar ao fenômeno (aquilo que se mostra), pois é uma consciência anterior a qualquer classificação ou explicação. Era feita a descrição daquilo que sucedia da maneira que se apresentava. Como o interesse era na experiência do D.V., registrava-se o que ele dizia, como dizia, a entonação da voz, seus gestos, sua

¹ Descrição é considerada em Fenomenologia um caminho de aproximação do que se dá, da maneira que se dá e tal como se dá. Refere-se ao que é percebido do que se mostra (ou do fenômeno). Não se limita à enumeração dos dados, mas pressupõe alcançar a essência do fenômeno.

² MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

³ Cf. MASINI, Elcie F.S. O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual; orientando professores especializados. São Paulo, 1990. [Tese de Livre Docência — Faculdade de Educação da USP]

⁴ Símbolo é aqui tomada como a "estrutura de significação em que um sentido direto, primário, literal, designa por acréscimo outro indireto, secundário figurado que não pode ser entendido senão através do primeiro".

⁵ A Ideologia é entendida como lógica da ocultação e dissimulação que se baseia na idéia de uma Sociedade e não no que acontece nessa Sociedade. As pessoas pensam, sentem, agem guiados por essa ilusão da Sociedade, sem estar atentas ao que acontece. A consciência fica na aparência e forja explicações a partir das idéias da Sociedade.

⁶ Interpretação — "trabalho do pensamento que consiste em decifrar o sentido aparente, em desdobrar os sinais de significação implicados na significação literal. (...) Há interpretação onde houver sentido múltiplo e é na interpretação que a pluralidade de sentidos torna-se manifesta". (Ricoeur 1978).

⁷ RICOEUR, P. Interpretação e Ideologia. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

expressão, nas diferentes situações em que isso se dava junto aos demais participantes do grupo, descrevendo-os também.

Foram utilizados diferentes recursos para que se pudesse fazer a descrição da melhor maneira possível. E também foram propiciadas situações vivenciais, partindo-se do pressuposto que, para compreender o outro é necessária uma atitude de abertura para perceber o que se mostra e compreender sua própria posição frente ao outro, sabendo dos próprios valores, sentimentos, conhecimentos.

No entanto, para isso, é necessário reconhecer a própria historicidade, isto é, seu próprio universo de símbolos ⁴ e a ideologia ⁵ da cultura a que pertence. Esta tarefa de decifração dos símbolos é interpretativa, assinalando ser insuficiente fazer-se apenas a descrição.

INTERPRETAÇÃO ⁶

O problema próprio da Interpretação ou Hermenêutica é o da extração do sentido. Pertence à Hermenêutica, como afirma Ricoeur, "este gesto de reconhecimento das condições históricas a que está submetida toda compreensão humana sob o regime da finitude". ⁷ A ela cabe desvendar o que cada um fala de um lugar diferente, definido pelo seu momento histórico e sua maneira própria de vivê-lo e compreendê-lo.

Fazendo-se Hermenêutica, a fenomenologia insiste na originalidade do fenômeno humano simbólico e polissêmico, comportando várias interpretações e se beneficiando de seu conflito. ⁸

Assim, a hermenêutica e a fenomenologia hermenêutica acabam tendo um alcance prático: ouvir o outro na sua alteridade torna mais clara para quem ouve a identidade própria, proporcionando abertura e acesso a outros sentidos.

Assim, nesta pesquisa, buscou-se na interpretação atingir o significado imanente da ação do D.V. e dos outros participantes da situação atentos à dimensão histórica de cada um. Aquilo que foi registrado na descrição nos diferentes momentos foi retomado, podendo ultrapassar-se em diferentes significações, possibilitando à pesquisadora e auxiliares acesso ao sentido da ação na existência do D.V..

ESTRUTURA

Esta pesquisa foi desenvolvida como parte de minhas atividades junto ao Departamento de História e Filosofia da Educação (E.D.F.) na Faculdade de Educação da USP (FEUSP). Composta de três etapas, recebeu da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) apoio financeiro na 2^a e 3^a etapas para as auxiliares de pesquisa e para material de consumo.

A descrição dos momentos básicos de seu desenvolvimento vem sumariamente indicados a seguir.

1. Etapa Preparatória — 1985

Participante: PESQUISADORA

Matéria Prima: LIVROS E REVISTAS REFERENTES AO D.V.

Nesta fase foram feitos levantamento bibliográfico; seleção de material, análise e definição do tema a ser investigado; organização do Projeto de Pesquisa; definição dos participantes de cada etapa; contacto com os possíveis interessados para convidá-los para 2ª Etapa.

Objetivo desta etapa:

- Levantar as características do D.V.
- Organizar o Projeto de Pesquisa.

2. Etapa de Vivências — 1986

Participantes: PESQUISADORA

— AUXILIARES DE PESQUISA (ACONSELHADORAS E PROFESSORAS ESPECIALIZADAS)

— GRUPO DE D.V.s

Matéria prima: GRUPOS DE VIVÊNCIA DE D.V.s

Esta etapa constituiu-se de encontros de discussão e supervisão sobre os grupos de D.V.s. Teve a duração de dois semestres: da 2ª quinzena de fevereiro à 1ª semana de julho; da 1ª semana de agosto a meados de dezembro. Os encontros e a supervisão perfaziam um total de quatro horas semanais.

2.1. Grupos de Discussão

Visando assessorar auxiliares de pesquisa junto aos D.Vs., foram desenvolvidos dois tipos de atividades como segue.

- a) vivências e exercícios de percepção:
- b) discussão sobre textos e pontos relevantes da fundamentação da pesquisa.

Objetivos destes grupos:

- experimentar o caminho do D.V., perceber o mundo ao redor, explorando objetos sem o uso da visão;
- descrever a própria experiência perceptiva;
- dialogar sobre as características de cada experiência perceptiva descrita oralmente;

- refletir sobre essas características (diferença e semelhança);
- assinalar a importância da comunicação verbal estar baseada na experiência perceptiva;
- clarear os fundamentos do trabalho desenvolvido nos grupos de D.V., facilitando a discussão sobre as vivências;
- buscar recursos que propiciem ao D.V. sua própria maneira de perceber e relacionar-se;

2.2. Supervisão dos grupos de D.Vs.

A supervisão constituiu uma situação de vivência da equipe formada pelas aconselhadoras, professoras especializadas e pesquisadora. Cada grupo de D.Vs. era coordenado por uma aconselhadora e uma professora especializada. Cada par descrevia na supervisão o ocorrido no seu grupo de D.Vs., de forma que os outros compartilhassem dessa situação. Cada sessão de supervisão, onde eram focalizadas situações concretas já experimentadas, constituía também momento de reflexão para o alcance dos objetivos desta etapa.

Algumas decisões sobre as condições de funcionamento dos grupos de D.V. foram tomadas na supervisão, distribuindo-se entre os participantes a responsabilidade de execução de medidas práticas que viabilizassem a pesquisa.

Objetivos da Supervisão:

- descrever o vivido nos grupos de D.Vs. para debates e sugestões;
- desvelar a atitude da professora e da aconselhadora junto às crianças individualmente e em grupo como um todo;
- decifrar os sentimentos, valores, conceitos, definições da professora e da aconselhadora, que as impedia de perceber o que se mostrava dos participantes;
- desvelar as características das crianças individualmente e das relações nos grupos;
- refletir sobre o que havia ficado obscuro das crianças, das relações, da professora e aconselhadora, buscando caminhos para tornar claros esses pontos.

2.3. Os Grupos de D.Vs.

As crianças que participaram dos grupos de vivências foram primeiramente indicadas pelas professoras da sala de recursos que forneceram dados sobre elas. Essas posteriormente foram selecionadas pelas auxiliares e pesquisadora e apresentavam as seguintes características:

- eram crianças cegas ou com visão subnormal;
- frequentavam a sala de recursos;
- encontravam-se na faixa etária entre sete e 13 anos.

Como a proposta era a de atender as crianças no seu cotidiano, buscaram-se condições de pesquisa as mais próximas daquelas existentes nas escolas. Assim foram levadas para os grupos de vivências crianças de faixa etária bem diferente, acompanhando-se o que se sucede nas salas de recursos. Cada grupo de vivência foi organizado para funcionar com cinco crianças, a aconselhadora e a professora. Por diferentes razões, nem todos os grupos foram encerrados com o mesmo número de crianças.

Local dos grupos de D.Vs.

Os grupos foram realizados nas escolas que se interessaram pela pesquisa, selecionadas entre as estaduais que dispunham de sala de recursos.

3. Etapa de Análise — 1987

Participantes: PESQUISADORA E ANALISTAS⁹

Matéria Prima: RELATOS DAS ACONSELHADORAS

Esta etapa da pesquisa constituiu um recuo da pesquisadora para enfocar as vivências dos grupos de D.V. sob outro ângulo — o da análise fenomenológica dos relatos dessas vivências, buscando os significados aí manifestos. A análise foi feita pela pesquisadora, supervisionando três analistas, cada uma responsável por um relato.

Trata-se aqui de desvelar o fenômeno — “o perceber e o relacionar-se de D.V.” e os recursos que o auxiliam nesses aspectos. Exatamente porque o fenômeno não estava evidente de imediato nos relatos, fez-se necessária esta Análise.

A maneira como é aqui desenvolvida surgiu da busca de um caminho que estivesse de acordo com a pesquisa como um todo, guiando-se, pois, pelo horizonte de pensamentos que orientou a pesquisa.

A pergunta que guiou a Análise foi o que deu nome à pesquisa: Como é o perceber e relacionar-se do D.V.? Quais os recursos que auxiliam o D.V. nesses aspectos?

De cada relato foram feitas uma descrição e uma interpretação, buscando-se identificar o que propiciou abertura de possibilidades a cada aluno D.V. no seu perceber e relacionar-se e o que o limitou.

Aquilo que constituiu o discurso analisado foram todas as dimensões cotidianas do D.V. percebidas pela aconselhadora na vivência grupal.

Foi da síntese da interpretação dos três relatos que surgiu uma orientação para formação da professora de D.V..

⁸ REZENDE, A.M. Fenomenologia e Dialética. In: FORGHIERI, Yolanda, C. (org) Fenomenologia e Psicologia. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1977.

⁹ Analistas, também formadas pelo Curso de Aconselhamento do Instituto Sedes Sapientiae.

CONCLUSÕES

A análise dos relatos revelou que as transformações do D.V. ocorriam em situações educacionais onde suas experiências eram consideradas. A pesquisa reiterou a necessidade de se partir da “facticidade” do educando e de reencontrar o contacto ingênuo com o mundo que fala antes do conhecimento, para só depois ir se aos dados da ciência (representativos e dependentes do vivido).

Nos momentos de espontaneidade, o D.V. mostrou sua maneira própria de perceber e organizar aquilo com que lidava, sem a utilização de gestos ou palavras provindos de informações distantes de sua experiência. Isso enfatizou a importância de se retornar à percepção original do D.V., esse fundo sobre o qual seus atos se destacam.

A comunicação no grupo (quer através da fala, quer através do gesto) se fazia possível quando todos compartilhavam de um campo de reciprocidade, onde eram respeitadas as maneiras próprias de cada um. Isso renovou a importância de reconhecer o D.V. na sua experiência humana e na sua fala sobre ela, estabelecendo-se o diálogo sobre outras dimensões (outros ângulos percebidos, sem o olhar).

A análise fenomenológica mostrou que o importante é reconquistar a condição de habitante do mundo, a partir da qual há situação, compreensão, interpretação.

Em síntese, as condições para a educação do D.V. são:

1. Saber do D.V. é voltar-se para seu mundo vivido, prévio ao conhecimento, buscando:
 - recuperar o nascimento do sentido, descrevendo com palavras do cotidiano o que se sucede com a criança nas diferentes situações da maneira que estas vão se apresentando;
 - descrever a totalidade do que aparece em cada situação (o que ele diz, da maneira que o faz, sua entonação de voz, seus gestos, suas expressões nas relações com os outros e com os objetos que o cercam).
2. Compreender o D.V. requer atenção a seus diferentes modos de ser e à transformação de concepções, como as seguintes:
 - a percepção, nas perspectivas da objetividade (do mundo existente em si) e da subjetividade (do mundo existente para uma consciência), dá lugar à experiência perceptiva — contacto primeiro com o mundo, fundo de todos os atos.
 - o sujeito da percepção entendido como consciência é substituído pelo corpo-sujeito e, assim, a relação sujeito-objeto que era de

conhecimento dá lugar a uma relação segundo a qual o sujeito é seu corpo, seu mundo e sua situação.

Alguns pontos demandam atenção:

Na comunicação, a predominância da visão sobre os outros sentidos, bem como do verbal sobre o não verbal, faz com que os conhecimentos (percepções e intelecções) não acessíveis ao D.V. sejam utilizados pelo vidente ao falar com ele. Isto faz com que o D.V. desenvolva uma linguagem e uma aprendizagem conduzida pelo visual. Como os dados não provêm de sua experiência, não podem, portanto, ser organizados por ele, ficando no nível do verbalismo e da aprendizagem mecânica.

Para que o D.V. organize o mundo a seu redor e nele se situe, ele precisa dispor de condições para explorá-lo. As situações educacionais necessitam estar organizadas de maneira que o D.V. use o mais possível todas suas possibilidades (táteis, térmicas, olfativas, auditivas, cinestésicas) e fale sobre essa experiência perceptiva.

A maneira do D.V. relacionar-se com a professora é importante para que ele utilize e amplie suas possibilidades. A atitude da professora poderá ser de tutelar ou proteger o D.V., dando-lhe informações diretivas sobre o que fazer; ou poderá ser aquela na qual, como vidente, se posicione frente ao D.V., ouvindo-o (acompanhando o que ele faz nas diferentes situações), contribuindo no que for possível para que ele encontre seus próprios meios de agir e superar obstáculos. Esta relação emancipatória requer por parte do educador clareza sobre sua própria maneira de ser frente ao D.V., refletindo sobre sua ação educativa.

Penetrar no mundo percebido pelo D.V. é tão difícil quanto fazê-lo perceber o mundo como o vidente o faz. Se a professora especializada experienciar isso, estará já em condições de iniciar seu trabalho, ou seja, estará possivelmente se perguntando: "O que esta criança D.V., sentada ao meu lado, percebe e sabe desta sala onde está?" "O que ela conhece, 'sem o olhar', poderá ser dito para mim, que conheço com 'o olhar'?" "O que eu conheço com o 'olhar' poderá ser dito a ela?" Colocando-se frente a essas questões, a professora estará apta a buscar com a criança os recursos para que esta desenvolva suas próprias possibilidades de perceber e relacionar-se no seu pensar e agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MASINI, Elcie F.S. *O Perceber e o Relacionar-se do Deficiente Visual; orientando professores especializados*. São Paulo, 1990. [Tese de Livre Docência — Faculdade de Educação da USP]
2. MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo:

Freitas Bastos, 1971. (Original francês, 1945)

3. REZENDE, A.M. Fenomenologia e Dialética. In: FORGHIERI, YOLANDA, C. (ORG) Fenomenologia e Psicologia. *São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1977.*
4. RICOEUR, P. Interpretação e Ideologia. *Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.*
5. RICOEUR, P. Conflito das Interpretações. *Rio de Janeiro: Imago, 1978.*

Trabalho apresentado à XIV Reunião da ANPEd (setembro de 1991)